



FRAGMENTOS DE UM DISCURSO MEMORIOSO

Gilda Santos

UFRJ

Clarisse Fukelman

PUC-Rio

Para Lucia Helena

Era o ano de 1977. Em Cerisy, cidade situada a pouco mais de cem quilômetros de Paris, ganharam um novo impulso os já tradicionais colóquios que movimentavam intelectuais, artistas e leitores. Na ocasião, Alain Robbe-Grillet, um dos representantes do *Nouveau Roman*, apresentou o seu “Por que amo Barthes”, selando o estreito laço intelectual e afetivo com Roland Barthes. De certo modo, ele corroborava uma famosa declaração do semiólogo francês: “tenho a impressão, a sensação e quase a certeza de ter sido mais bem sucedido com meus amigos do que com minha obra”.

Naquele mesmo ano, a pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ ofereceu um curso robusto em que se estudou, por dois semestres, toda a obra de Barthes publicada até então. Na sala de aula, a mestrande Clarisse Fukelman conheceu a doutoranda Lucia Helena, selando uma amizade por toda a vida, alimentada inicialmente pela intensa convivência com o grupo de amigos que se formou.

Discussões acaloradas, na casa de um ou de outro, eram atravessadas pelo confronto de correntes teóricas; pela convicção de que, em breve, o país derrotaria a ditadura; e pelas trocas no exercício da crítica, em nossa iniciação na crítica literária, com publicações no caderno *Livro do Jornal do Brasil* e na *Revista Tempo Brasileiro*.

Naquele encontro de gerações, Lucia Helena, já um passo à frente dos demais, foi, sem dúvida, quem manteve, durante todo o seu percurso acadêmico, a maior coerência e dedicação ao pensar o tecido cultural, literário e político no Brasil, do Barroco à pós-modernidade. Sempre com brilhantismo. Ao teórico-poeta francês, Lucia foi agregando parceiros em sua escritura e em suas interpretações inovadoras: além dos brasileiros Luís Costa Lima, J. G. Merquior e Alceu Amoroso Lima, o pensamento de Bakhtin, Foucault, integrantes da Estética da Recepção, Freud, e, sobretudo, Walter Benjamin, “eterno companheiro de viagem”, nas palavras de Lucia, por seu “talento crítico”.

Para Gilda Santos, Lucia Helena, *tout court*, foi primeiro um nome mencionado elogiosamente por colegas da mesma Pós-Graduação em Letras na UFRJ, em cujo Mestrado de Literatura Portuguesa ingressara em 1975. Nos anos seguintes, é possível que se tenham cruzado nos corredores ou na cantina em conversas banais, mas o nome só ganhou corpo e identidade inconfundível bem mais tarde, possivelmente no começo dos anos 90, quando uma bolsa de Pós-Doutorado nos EUA concedida pelo CNPq a Gilda, a levaram a algo como um “aconselhamento” junto a Lucia, então recém-chegada de uma temporada americana, que, entre muitas palestras e seminários em várias universidades americanas, incluía o pós-doutorado na Brown University. Graças a essa bolsa, um encontro também foi possível em terras americanas, pois Lucia fora a New York para participar do Congresso do MLA, no inverno de 1992. Num intervalo das sessões de trabalho, fomos juntas a Upper Manhattan visitar o fantástico *The Met Cloisters*, o braço medieval do Metropolitan Museum of Art.

Desde o regresso ao Rio, em 1993, apesar dos interesses diferenciados na pesquisa acadêmica, a proximidade e as trocas foram intensas, incluindo o convívio doméstico-familiar e, depois, até algumas viagens (Araras, Tiradentes, Buenos Aires, Santiago de Compostela...). Convívio que cedo permitiu perceber o quanto a Lucia, apesar do temperamento não raro intempestivo, distinguia-se por excepcional brilhantismo, que só se extinguiu na sua repentina partida, num *requiem* franciscano.

Diante da grandiosidade da homenageada e de nossa relação pessoal e fraterna com a Lucia, decidimos nos orientar pelo viés poético de *Fragmentos de um Discurso Amoroso*; pelo título da última obra de Lucia Helena publicada em vida (*O Livro dos Afetos: cultura e autoritarismo na literatura contemporânea*); pela ausência de enredo e do discurso argumentativo proposto no texto barthesiano, de modo a evitar “a camada sedimentar, o contínuo”; e pelo movimento da recordação, que integra o contraditório inerente ao discurso fraterno, amoroso, amistoso. Nosso texto opera, portanto, uma espécie de *aide-mémoire*. O que se resume no “memorioso” – adjetivo inusual, com sabor arcaizante –, que aqui escolhemos para glosar o título de Roland Barthes e convocar ao diálogo Jorge Luis Borges (em *Ficciones*, lê-se o conto “Funes el memorioso”). Concluímos que só assim, através de tópicos e do processo de colagem, com suas lacunas e provocações, conseguiríamos nos aproximar do que melhor guardamos de nossa colega e amiga, no coração e na memória.

1 Lucia por Lucia

LITERATURAS – a literatura é um experimento que, se põe em questão demandas estilístico-formais, soma a esse dado um constante desafio à linguagem, vista como construção de sentido, na tarefa de instrumentar o material signifiicante e sua estética a tratarem, sem espelhamento, da especificidade e da vida de um largo número de homens e mulheres. A HORA DA ESTRELA: Lispector oferece ao leitor um texto incitante, no qual o ato de nomear se junta à resignificação de tradições culturais de gender e genre que regem a condição social das personagens e as constroem a uma vida sofrida e a um comportamento subalterno. MACHADO DE ASSIS – “Na terra dos homens, na cova dos mortos, na fome dos matreiros personagens que criou, inférteis mas caboclos, na sua mesquinha troca de favores mesquinhos, o leitor machadiano, ao colar o olho no jornal do dia do século em que abre os olhos todos os dias, o nosso, o XXI, descobre: é preciso comer os ratos do ofício. A lição do moralista Machado, moralista à la Montaigne, ou seja, o que lê bem e observa os costumes de seu tempo, permanece e fornece capítulos de reler, para aprender a ler a sina deste Brasil que não tem ciso. JOSÉ DE ALENCAR – Impressiona sua dedicação em fornecer hipóteses e perfis acerca do Brasil e dos brasileiros no século XIX. No exame do desconcerto entre as necessidades

locais e a deriva internacional, está ciente da necessidade de novos símbolos para criar uma nova mitologia, o que faz com disciplina e pormenor, pesquisando e anotando, além de dar asas à imaginação. MODERNISMO – O Modernismo brasileiro deflagrou um movimento, não uma escola. Consideração importante, pois vai nos levar à compreensão de que, abrigada pela a mesma designação ‘movimento modernista’, encontramos uma produção poética (entendida lato sensu) cuja variante seria o direito à pesquisa estética.

PROFISSÃO DE FÉ – Temo muito me chamar de intelectual; mais ainda, de pensadora; e, mais ainda, de crítica. Eu diria que sou, antes de tudo, uma professora, e que eu penso e escrevo porque eu gosto muito de estudar e de aprender. E cada vez, sem querer bancar a filósofa de última hora e do lugar-comum, cada vez mais eu descubro que, quanto mais aprendo, aprendo que menos sei (Sócrates, já disse isso, melhor que eu). Então, o que seria para mim o intelectual? Acho que o intelectual é um ator, no sentido de “aquele que age”. Porque eu sou, antes de tudo, uma professora. Na verdade, eu escrevo e estudo porque gostaria, tenho a ilusão, talvez rousseuniana, de conseguir ser mais clara, isto é, se eu trouxer com mais clareza as ideias para a sala de aula. Depois, descubro, lendo Rousseau, com ardor de burra, e pendor de convertida, ou seja, de alguém que foi gostando do drama interno daquele pensamento, de um iluminista que deixa o Iluminismo e vai para além dele, chega a ser um pensador dramático, e quase trágico, eu verifico que esse percurso das ideias não é o percurso do esclarecimento, é o percurso também das sombras e, principalmente, nas sombras. Então, na verdade, a cada momento, o intelectual, para mim, no bom sentido dessa palavra, é aquele que ocupa o lugar trágico do pensamento, ou seja, aquele que está na encruzilhada.

PROVOCAÇÕES – Nos dias de hoje não é algo de pouca monta tratar dos vínculos entre os humanos e falar de nossa fragilidade, solidão e necessidade de amor. Principalmente quando o terror está no ar(...). Será o mundo em estado de guerra? Que revolução virá daí? (...) Se, como queria Peter Szondi, a tragédia grega, ao permitir que o herói lutasse contra o poder superior do destino, honrava a dignidade humana, as ficções da crise, no que têm de resgate do pensamento trágico, põem em tensão um

debate que não vale adiar: o que pode hoje nos dizer a representação romanesca da realidade acerca dos limites entre o sujeito e o mundo da necessidade e intimidade?

TEMPOS MODERNOS – No contexto da MODERNIDADE, aquela oposição entre a ideia do direito e da lei estará representada pelo modo revolucionário de ser de um novo contrato escrito, o que provocará grande alteração no mundo de base rural, que se encontrará com uma outra forma de polis: a sociedade urbana do capital e do fetichismo da mercadoria. [...] A DESMEMÓRIA contemporânea, mesmo a de autores respeitáveis, tem-se contentado em execrar o Iluminismo, como se este fosse massa uniforme de propostas, e, ao mesmo tempo, temos onipotentemente pretendido reinaugurar a cultura do planeta, como se o pós (pós-moderno, pós-modernismo, pós-modernistas) com que se intitula uma época significasse um recomeçar, do marco zero, a ordenação e a produção do saber. Afinal, para alguns, a história está morta, talvez enterrada num esquife gigantesco, abalroado pelos computadores de uma sala de pregões. [...] Na SOCIEDADE DA IMAGEM, o homem não mergulha mais para dentro de si, em busca de um eu profundo. Dissociado de si mesmo, nos milhares de brilhos vidrilhos das imagens que cintilam, ele mal consegue ver. Olhar, espiar, flagrar, observar são modos de ser de um eu que se pulveriza nos “fotogramas” de uma subjetividade que se (re)conhece como imagem, ela mesma, captada e construída, ao mesmo tempo, no conluio do ser consigo e com o que dele diz a avassaladora carga dos flashes a que um cotidiano violento o submete e ao qual ele reage. Ser e atuar andam juntos na pós-modernidade.

WALTER BENJAMIN (LEGADO) – torna-se mais do que oportuno refletir sobre Benjamin e o legado que ele nos deixou. E que, tanto pela atualidade e qualidade dos temas e discussões quanto por seu estado de projeto não concluído (afinal, morreu antes de terminar o anunciado Livro das Passagens), convoca a interferência ativa do leitor, provocando-lhe o interrogar, num tempo de letargia do pensamento. Acredito que as análises de Benjamin, seu método, sua forma hábil de entrever vínculos entre o que parece tão disperso, sua capacidade de perceber e revelar as estreitas relações entre a matéria bruta e o imaginário da produção de bens de consumo ou mesmo, dizendo de

forma mais singela, sua acuidade de examinar, como poucos, a relação entre a arte e a sociedade são algo de inestimável valor.

2 Lucia e nós

AFETO – inicialmente, folheio o velho dicionário latim-português, adquirido no primeiro ano da Faculdade de Letras da UFRJ, e sigo com outros dicionários *on line*. Aprendo que etimologicamente o termo deriva do latim *affectio* e significa “relação, disposição, estado temporário, amor, atração”, da raiz de *afficere*, “fazer algo, agir sobre, fazer, manejar.” Aprendo também que a palavra *afecto* vem do substantivo latino *affectus,us*, significando "estado psíquico ou moral (bom ou mau), afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade". Para complementar, visito Spinoza, que enuncia: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída.” Todos estes caminhos apontam para um modo de ser extremado que caracteriza a Lucia, não apenas como pesquisadora, mas também como amiga e professora em busca de aumentar a potência de sentir e capacidade de pensar e existir, mente e corpo, como duas expressões da substância. Paixão por vezes desmedida que resultou, entre tantas coisas, no acolhimento dos alunos, convocados a publicar livros com ela.

DÁDIVA – Pedra cabralina. Pedra drummondiana. Pedra lispectoriana, aqui lembrada não em referência à célebre meditação de Martim, no romance *A Maçã no Escuro*: “Eu era como qualquer uma de vocês, disse então muito subitamente para as pedras pois estas pareciam homens sentados”. Tampouco remeto à meditação melancólica de Clarice numa crônica sobre rastros de seu passado condensados na paisagem vista da janela, quando tenta resgatar das ruínas a sua Recife de infância: “Onde está a pedra que sinto? A pedra que esmagou a cidade”. Da autora estudada por Lucia com brilhantismo, trago especificamente uma crônica publicada no *Jornal do Brasil* em 1971, em que comenta a emoção de ter sido agraciada com uma peça originária da última deglaciação: “Minha pedra é, portanto, de antes do aparecimento do homem na Terra. Amo pedras.

Então por esta fiquei louca de paixão: dá uma sensação estranhíssima segurá-la nas mãos hoje.”

Deste trecho destaco dois elementos marcantes na obra de Clarice. Os nexos entre todas as criaturas e criações do universo. E o rito da dádiva, sobre o qual escrevi, no esteio de Mauss, pelo qual os laços de amizade são confirmados através de presentes desinteressados e espontâneos, como a caixinha de música que Clarice ofertava a amigos e o gesto de acolhimento no conto “A repartição de pães”. Me irmano a Lucia através do quartzo rosa, pedra que pode significar amor, paz, cura e purificação, ou, me aproximando de seu berço familiar, pode ser associada a Oxum, orixá feminino ligado ao amor, à fertilidade e à beleza. Com um colar feito dessa delicada pedra, Lucia brindou a jovem de vinte e quatro anos que partia para o doutorado na França. Em troca, ganhou um elefantezinho cor-de-rosa confeccionado em vidro de Murano e que indica persistência, amizade e sabedoria. Foi o nosso pacto. Apesar de intempéries e turbulências aqui e ali, resistiu como uma rocha.

DO DESASSOSSEGO – Quando, em 2011, convidamos Lucia Helena a colaborar no curso de extensão universitária “Fernando Pessoa relido no Real” – um dos muitos que o Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras organizou como dinamizador do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura – e ela nos propôs o título “*O Livro do Desassossego* e o desassossego contemporâneo”, esse tema já se tinha afirmado como nuclear em sua produção teórico-crítica. Dois anos antes, publicara o ensaio “A literatura como passagem: reflexões em torno das ficções do desassossego” e, em 2010, o livro *Ficções do Desassossego*. E nos anos seguintes, repetindo a mesma palavra ou recorrendo a termos afins, foram extensas as ramificações desse tronco na sua obra. Esclareceu: “Uso a expressão *ficções do desassossego* para designar as narrativas que desenvolvem, desde as três décadas finais do século XX, uma perspectiva crítica (e de crise) em contraponto com os paradigmas fundadores do romance (iluministas e românticos). Essa perspectiva remete à abertura de novos horizontes formais, temáticos, conceituais e éticos, pois tais textos, ainda que não sejam “ficções da crise”, falam de um dos sentimentos fundamentais provocados sempre que essas se aprofundam de maneira dramática: o desassossego”. Inquietação, incerteza, naufrágio ou vocação para o abismo, o fora do lugar, o inóspito, a solidão são vertentes da mesma apreensão que fez de uma

literatura, quer cronologicamente contemporânea, quer antecipadora do que a contemporaneidade problematiza.

EM DESASSOSSEGO – Desvelar o desassossego na obra de vários autores e elegê-lo como emblema dos tempos recentes talvez não tenha sido apenas mais um dos seus muitos *insights* bem sucedidos ao longo de numerosas páginas publicadas. Quem conheceu Lucia de perto suspeita de que esse desassossego, veio que ela tanto e tão bem esquadrinhou, indiciaria também fortes sinais de um modo de ser. Talvez o jeito extrovertido e brincalhão, capaz de puxar conversa com o pipoqueiro ou com o senhor engravatado e sério que nunca antes vira, ou o destempero que a levava a rotular as pessoas de forma extremada conforme a maior ou menor adesão delas às ideias que defendia no momento, mascarasse a inquietude latente, fruto de carência e solidão, cuja melhor válvula de escape seria o incessante escrever sobre os autores nos quais identificava o tal desassossego. Eles e ela *displaced* no mundo inóspito dessa atualidade que cultua valores com os quais não se deseja pactuar. Ela, inadaptada quer à opressão cibernética e burocrática, quer à banalidade do cotidiano doméstico, em cujas práticas do dia-a-dia facilmente se enredava. Insatisfação por se julgar mal interpretada ou por receber um reconhecimento aquém do que achava merecer – embora, na sua/nossa geração tenha sido das raras figuras que receberam um *Festschrift* (*Riscos da Escrita, Rastros da Memória: homenagem à professora Lucia Helena*, livro organizado em 2017 pelos ex-orientandos Luciana Nascimento, Anélia Pietrani e Paulo César Oliveira). Mas faltam-nos os seus textos ficcionais para que, também como leitores-críticos, tentássemos traçar eventuais paralelismos ou sinapses. Aliás, por onde andarão os vários contos cuja escrita frequentemente mencionou e tencionava publicar?

EFEMÉRIDE – No dia 6 de março de 2024, a Plataforma Lattes informa o seguinte, a respeito da professora doutora Lucia Helena: *1994 – Atual Vínculo: Professor titular efetivo; Enquadramento Funcional: Professor titular; Carga horária: 40; Regime: Dedicção exclusiva*. Me amparo em Le Goff para encaminhar um pedido. Diz ele: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” Aos gestores da página, não mexam na identificação acadêmica de Lucia Helena. Deixem como está. Não terminou. Não finda e permanece,

como uma boa provocação. “Que coisas são ‘resolvidas’? Não ficam para trás todas as questões da vida vivida, como uma ramada que nos tapou a vista? Quase nunca pensamos em cortá-la, nem mesmo em desbastá-la. Continuamos o nosso caminho, deixamo-la para trás e conseguimos de fato vê-la à distância, mas de forma indistinta, como uma sombra e, assim, envolvida em enigma.” (Walter Benjamin)

ESPERANÇA – “Tratando da nossa agonia, da instabilidade do presente ou das perspectivas pouco claras do futuro, ainda paira, na literatura, um voto à esperança. A reflexão que ela promove vislumbra o incontornável e talvez proponha que existir vale a pena, e viver e navegar é preciso, com todos os riscos e riquezas das atribulações dos homens”. Nesta frase, Lucia Helena de certo modo traduz sua própria vocação como intérprete do país. Para ela, pensar o Brasil através da literatura foi sempre uma questão incontornável. E desempenhou o ofício de forma brilhante. Suas pegadas iniciais com Gregório de Matos e Augusto dos Anjos passaram pelos modernistas, retrocederam a Alencar, de que se tornou profunda conhecedora, e avançaram até a pós-modernidade, com os efeitos mais nocivos da globalização. Todo este trajeto foi sintetizado no título de uma de suas últimas publicações: *Náufragos da Esperança*. Condição humana paradoxal e síntese da cosmo-agonia que atravessa a história brasileira. Lucia a enfrentou intranquila e persistente, deixando sua digital nos livros e artigos. Legado inestimável para futuras gerações.

NO CALOR DA HORA – Ou: “ao correr da pena”. Pena, de penar. Pena, de escrita. A despedida de Lucia, dias depois de tê-la visitado no hospital, levou ao texto de que (Clarisse) extraio trechos:

1. Lucia era intensa, de uma intensidade por vezes assustadora, como se excedesse a si própria. Lucia Helena foi uma desbravadora. Desbravou Augusto dos Anjos. Desbravou Barthes. Desbravou o modernismo brasileiro, com aplausos de Oswald e de Mario de Andrade. Desbravou Clarice Lispector. Desbravou a literatura brasileira contemporânea. Desbravou a atenção de alunos por gerações e gerações, alunos com quem organizou publicações e com quem publicou, de igual para igual. Não tinha medo em se expor, mesmo

doendo a ela mesmo e a quem quer que fosse. E às vezes, sim, com falta de educação.

2. Estão em minha agenda afetiva as noites maravilhosas nos anos 70, com muito whisky e muito desejo de virar a canoa da ditadura, ao lado do Pedro Lyra e Jorge de Souza Araújo, no apartamento dela mínimo e caprichosamente organizado, mas principalmente na bagunça do meu e do meu então marido, defronte aos jardins do palácio que guarda o som do tiro. E os dias maravilhosos que passamos juntas, com outras amigas, na Holanda, hospedadas por Ria Lemaire, uma farra das maiores. E, mesmo passadas décadas de quando foi roubada em Amsterdam, ela nunca deixou de revelar sua gratidão pelo dinheiro que lhe dei para sustento.

3. Meias palavras, não houve, nem haverá para Lucia. Lucia vai ao ponto, doa o que doer. Às vezes injusta. Me pergunto se Lucia, com sua inteligência sem dúvida acima da nossa, não teria sido vítima do seu próprio brilhantismo, que intensificava a inquietação interna e a fazia atirar aos ventos o que podia pacificar no sono. Ela me machucou mais de uma vez, como a amigos próximos, algumas vezes. Mas a gente sabia que amor, com Lucia, era assim. Havia que dar um tempo para a poeira baixar e daí a pouco chegava o próximo livro que ela estava certamente escrevendo.

4. Lucia está em minha vida e em minha estante, nas reflexões que fez sobre literatura, nas lindas dedicatórias que me ofertou, além dos cartões. Lucia Helena era mulher de escrever cartão no seu aniversário e de dar de presente perfumes e cabides bordados à mão, como se fôssemos adolescentes em filme dos anos 50. Lucia era de gargalhar e de expressar a cada momento, em cada abraço apertadíssimo, o quanto se sentia só e carente. Lucia também indicava que haveria sempre uma acolhida para os que gostam de ler boa literatura.

5. Lucia engana os trouxas que aguardavam o sobrenome depois de Lucia Helena. Não há Lucia Helena “de quê”. Há Lucia Helena, só, a nossa Lucia, a

esta altura argumentando a teoria das passagens, com Walter Benjamin, seu cúmplice.

UNIVERSIDADES, UNIVERSALIDADE – UERJ, UFRJ, UFF... BROWN... e quantas mais? O percurso acadêmico de Lúcia Helena faz lembrar a enumeração *Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!* do poema “O sentimento dum ocidental”, obra-prima do português Cesário Verde. Ou a forma mais sintética de *Oropa, França e Bahia*, do nosso marioandradino *Macunaíma*, depois glosada por Ascenso Ferreira e Carlos Drummond de Andrade. Certo é que a vivência nos *campi* do Rio de Janeiro permitiu a Lúcia os voos para outros espaços, a começar por um “Prêmio Esso de Literatura” que ganhou em 1969 e lhe rendeu uma viagem a Portugal, com direito (segundo um breve relato, de abril de 2021, via WhatsApp) “a um curso de Português Superior na Universidade de Lisboa, mais 1400 dólares!!! E ainda a publicação do ensaio que escrevi (para o prêmio) no *Jornal de Letras*. Lá, ganhei medalha e diploma, pois fiz várias provas escritas e orais durante o curso, de junho a fim de julho. Meu mundo se abriu. Nunca tinha saído do Cachambi e fui parar a Portugal e, de lá, em companhia de mais estudantes – 3 moças e um jovem alemão universitário – visitamos 10 países, num Fiat 145, acho, dirigido pelo Friedrich, que fez o roteiro dos sonhos dele e dirigiu o carro o tempo todo e muito bem. Nunca mais vi o mundo do mesmo jeito, mas nunca consegui ser outra. Que falta faz um patrocínio para Letras e outras artes e domínios!”

Esse juvenil “Prêmio Esso” foi o preâmbulo a uma atuação internacional que contou com um Pós-Doutorado na Brown University em 1989 (num tempo em que os Pós-Doutorados financiados pela CAPES e pelo CNPq apenas começavam), conferências, seminários e participações em congressos de universidades americanas e europeias e, mais recentemente, uma experiência de *Visiting Professor* na mesma Brown que lhe abriu as portas dos USA.

Mas se houve voos internacionais, também os houve, e ainda mais amplos, pelas obras de escritores de vários quadrantes do globo, graças ao instrumental privilegiado de Teoria Literária e Literatura Comparada que Lucia colecionou e soube disseminar, como o seu alentado CV bem comprova. Entre filósofos, teóricos, ficcionistas e poetas, sem perder o principal foco na Literatura Brasileira, não são poucos os nomes estrangeiros a quem dedicou páginas reflexivas de qualidade, dentre os quais os

portugueses Fernando Pessoa e Maria Gabriela Llansol e o Nobel sul-africano J. M. Coetzee talvez sejam os mais frequentes. Irmanados pelo texto a muito autores brasileiros, praticam ficções do desassossego numa literatura inquieta: são náufragos da esperança.

VÍDEOS – Embora vaidosa, de pleno direito pela beleza do rosto radioso que manteve até o fim, são poucas as fotos suas que se encontram na *web*. No Facebook que continua acessível (duplicado talvez por sua prosaica inabilidade em lidar com as ferramentas das redes sociais), a maioria testemunha sorridentes encontros com colegas-amigos, nas livrarias onde lançou alguns de seus livros, ou no Talho Café do Leblon, que elegeu como extensão de sua casa. Os vídeos no YouTube também não são muitos, mas há quatro que registram alguns dos seus pioneirismos e atestam o brilho que lhe era próprio ao discorrer sobre suas realizações pioneiras e suas reflexões sobre Clarice Lispector e Machado de Assis, autores, como sabemos, de sua especial predileção.

O mais antigo, uma breve entrevista gravada pela UFF-Imagem em 2008 (<https://youtu.be/5JJodF6VXPk>), é motivado pelo centenário de falecimento de Machado de Assis. Em poucas frases, temos aí sólidas pistas de leitura para melhor fruir a obra machadiana e várias pontes para que o leitor o aproxime da nossa atualidade.

Em junho de 2011, também gravado institucionalmente pela UFF-Imagem (<https://youtu.be/HLgpntlIzzE>), vemos registrados cenas e depoimentos de participantes durante a realização do “IX Seminário Nação-Invenção”, desta feita sob o tema “Literatura, ética e mercado”. Trata-se de mais um evento promovido pelo já longo “Grupo de Estudos Nação e Narração”, que foi idealizado e implementado pela própria Lucia Helena no Instituto de Letras/UFF, com base na sua experiência americana e no seu anseio de agregar aos estudos literários as questões prementes da atualidade. Com o devido registro no CNPq, as várias edições desse seminário bem exemplificam a faceta empenhada de Lucia em produzir conhecimento não apenas em sala de aula ou sobre a página em branco, mas também junto a público mais alargado, convocando-o à abertura de horizontes pelo diálogo com diversos interlocutores, inclusive os de outros espaços acadêmicos, como, por exemplo, Maria da Gloria Bordini, da UFRGS, cujo testemunho aí está gravado.

Em outro, datado de 22 de set. de 2020 (<https://youtu.be/rvio4zQHgQI>), Lucia aparece como conferencista convidada pelo “Webinário Literaturas de Autoria Feminina”, sob organização do NIELM – Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura, sediado na Faculdade de Letras da UFRJ, o qual também lhe deve a sua gênese, como ela recorda antes de iniciar sua conferência “Clarice eterna”.

No vídeo do dia 19 de outubro de 2020 (<https://youtu.be/siM2aGuGwKE>), temos um ponto alto, imperdível: trata-se da conferência de abertura do “Colóquio Internacional 100 anos de Clarice Lispector”, promovido pela FFLCH/ USP, à qual deu o título de “O estranho em Clarice: ‘A quinta história’ e as surpresas do narrar”. O mencionado conto “A quinta história”, do livro *Felicidade Clandestina* (1971), surge como pretexto para que Lucia nos exponha uma síntese de sua longa e pioneira trajetória reflexiva sobre a imensa autora brasileira, que, não sendo musa nem medusa, alcançou incontestável lugar mítico na Literatura Brasileira.

A par dos vídeos, a internet nos traz outras boas memórias de Lúcia: algumas resenhas de seus livros, publicadas por colegas em diversos periódicos – todas elogiosas, como seria de esperar – estão acessíveis em poucos *clicks*.

ZÊNITE DE FELICIDADE – Em 16 de outubro de 2021, às 10:30, chega esta mensagem de Lúcia por WhatsApp: “Acabei de botar um ponto final no meu próximo livro e de mandá-lo para a editora. Chama-se *Livro dos afetos: cultura e autoritarismo na ficção contemporânea*. Estou feliz.” E, no seu perfil do FB, em 19 de janeiro de 2022 (mesmo dia em que o recebeu), escreve, logo acima de uma foto da capa, onde se reconhece ao fundo o sofá da sala:

Acaba de sair meu mais recente livro de ensaios. Chama-se *Livro dos afetos: cultura e autoritarismo na ficção contemporânea*. O título tem, pelo menos, um duplo sentido. Primeiro, porque nele investigo o papel dos afetos na literatura de um grupo de autores de minha preferência. Segundo, porque nele estão não só a minha reflexão sobre o assunto, mas a de duas pessoas que amo muito e que estão na minha vida há muitos anos, Maria Júlia Lima [autora da orelha] e Jorge Fernandes da Silveira [autor do prefácio]. Para quem os conhece, ambos dispensam apresentações. São duas pessoas maravilhosas e duas inteligências e sensibilidades privilegiadas. Agradeço que sejam meus amigos e convivam comigo há muitos anos, me oferecendo uma amizade sincera e generosa. Agradeço a eles termos compartilhado, ainda que no distanciamento da pandemia, estes duros momentos que o mundo atravessa. Ao CNPq e aos pareceristas que me concederam, desde 1993 até agora, a honrosa classificação de Bolsista de

Produtividade 1-A, também agradeço. É uma verdadeira proeza da resistência da pesquisa no país. Ao Roberto Perecmanis [adiante identificado como “meu sempre querido médico”], a quem tanto devo, e a meus pais, já em outra esfera, e aos quais tanto amo, dedico este livro.

A postagem suscita mais de 300 comentários de parabéns e efusivas manifestações de apreço e amizade, todos respondidos por uma Lucia manifestamente feliz. Em meio a incontáveis e recíprocas menções a saudades de bons momentos, o aviso de que o “lançamento” estava postergado *sine die*, pois a pandemia covídica ainda grassava e aterrorizava a todos. Mas não faltaram reencontros – mais alegria e felicidades anunciadas no horizonte.